



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO - ICPD

MARLÚCIA FERNANDES DA SILVA

REVISÃO DO DISCURSO POLÍTICO: UM RECORTE IDEOLÓGICO

BRASÍLIA
Outubro de 2006

MARLÚCIA FERNANDES DA SILVA

REVISÃO DO DISCURSO POLÍTICO: UM RECORTE IDEOLÓGICO

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de Língua Portuguesa, Texto e Discurso. Orientadora: Professora Janaína de Aquino Ferraz.

BRASÍLIA
Outubro de 2006

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Joaquina e Pedro, pelo apoio durante toda a minha vida, da mesma forma pela comemoração de cada vitória alcançada.

Ao meu amado marido, Júnior, pelo incentivo nos momentos de desânimo.

À Francisca Vieira Sales dos Santos pelas mãos santas que me estendeu no momento mais crítico da minha vida.

À Professora Janaína de Aquino Ferraz, um especial agradecimento:

Serei eternamente grata a você, que me estendeu a mão nos momentos mais difíceis, pois estou prestes a dar a luz à Victória e a Niccole. Obrigada pela orientação, dedicação e compreensão em todas as etapas.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar pistas ideológicas do trabalho de revisão de discurso político sob a luz da Análise de Discurso Crítica. Para tanto, escolhi, no campo da política, um discurso revisado do Senador Mão Santa, do PMDB do Piauí, Parlamentar adorado em seu Estado, pelos serviços prestados à população mais carente. Minha intenção é realizar pesquisa qualitativa para analisar um discurso revisado do Senador Mão Santa. Para tanto formulei as seguintes questões norteadoras: o que faz com que o poder de convencimento da ideologia seja tão forte; se ela é constituída por idéias que falseiam a realidade para que na sociedade tudo continue como está, por que as pessoas simplesmente não se revoltam contra ela; quais estratégias discursivas são empregadas pelo autor para direcionar o entendimento da mensagem por parte do leitor? Para obter dados que revelassem pistas ideológicas, empreendi pesquisa qualitativa, utilizando categorias analíticas de Fairclough (1992) e Thompson (1995) no texto. A Análise de Discurso Crítica, base de meu estudo, é uma forma de ciência crítica social destinada a identificar problemas enfrentados pelas pessoas em decorrência de formas particulares da vida social. Dessa forma, propõe-se a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer para abordar e superar esses problemas. A aplicação das categorias analíticas possibilitou-me verificar que o trabalho de revisão de discurso é marcado por escolhas ideológicas do revisor, que passa a ser co-autor do texto originalmente produzido. Tal intervenção proporciona efeitos diversos, pois a todo o momento, alguma ideologia é trazida à tona em detrimento de outra, o que revela intencionalidade do produtor de texto em direcionar ou redirecionar a argumentação original. O estudo reforça um dos adágios da ADC, que afirma ser todo discurso ideológico, sendo a neutralidade pretensão utópica o que instiga reflexão sobre o verdadeiro papel do trabalho de revisão textual.

Palavras-chave: Discurso; Ideologia; Poder.

ABSTRACT

This research aims to investigate ideological tracks of the work of revision discourse politician according to Critical Analysis of Discourse. For in such a way, I chose, in the field of the politics, a revised discourse of Senator Mão Santa from PMDB of Piauí, Parliamentarian adored in his state, for the services given to the population most devoid. My intention is to carry through qualitative research to analyze a revised discourse of Senator Mão Santa. For in such a way I formulated the following questions: what makes the persuasion's power of ideology so strong; if it is constituted by ideas that falsifies the reality so that in the society everything continues in the same way, why people simply is not rebelled against it; which discursive strategies are used by the author to direct the comprehension of the message on the part of the reader? To get data that disclosed ideological tracks, I undertook qualitative research, using analytical categories of Fairclough (1992) and Thompson (1995) in the text. The Critical Discourse Analysis, base of my study, is a form of social critical science destined to identify problems faced by people in result of particular forms of social life. On this way, it is considered to develop resources that people can use themselves to approach and to surpass these problems. The application of the analytical categories made possible to verify that the work of discourse revision is marked by ideological choices of the copyholder who starts to be co-author of the text originally produced. Such intervention provides diverse effect, therefore all the moment, some ideology is brought to surface in detriment of another one, what it discloses some intentions of the text's producer in directing or redirecting the original argument. The study strengthens one of the proverbs of the ADC: all discourses are ideological, in consequence, the neutrality becomes an utopian pretension. This conclusion instigates reflection on the true paper of literal revision's work.

Key words: Discourse; Ideology; Power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O COMEÇO DE TUDO	11
1.1 Objetivo	11
1.2 Situação do pano de fundo da pesquisa	12
1.2.1 Política, um pouco de sua história e a importância desse gênero discursivo...	12
1.3 Biografia do Senador Mão Santa	14
1.4 Taquigrafia	15
1.5 Conhecendo o Departamento de Taquigrafia da Câmara dos Deputados	15
1.6 Integrantes do Quadro de Taquigrafia da Câmara dos Deputados	16
1.7 Visão Geral do órgão	17
1.7.1 Histórico	17
1.7.2 Funções do Departamento de Taquigrafia	18
1.7.3 Objetivos do DETAq	19
1.8 A função — Informações básicas	20
1.8.1 As responsabilidades, tarefas e objetivos do cargo	20
1.8.2 Importância do trabalho taquigráfico	22
1.8.3 Que tipos de decisões podem ser tomadas	22
2 MEUS GUIAS/ENCADEAMENTO DAS IDÉIAS	23
2.1 A Proposta da ADC	23
2.2 Posições teóricas da Análise de Discurso Crítica	24
2.3 Conceitos básicos em Análise de Discurso Crítica	26
2.3.1 Discurso	26
2.3.2 Contexto	28
2.3.3 Sujeito	29
2.3.4 Ideologia	29
2.3.5 Ideologia e Discurso	30
2.3.6 Crítica, Ideologia e Poder	31
2.3.7 Hegemonia	32
2.4 Categorias analíticas propostas por Fairclough	33
2.4.1 Intertextualidade e interdiscursividade	33
2.4.2 Citação direta	35
2.4.3 Pressuposição	35
2.4.4 Ethos	36
2.5 Categorias analíticas propostas por Thompson	36
3 EXPLICAÇÃO PRECISA DA METODOLOGIA	40
3.1 Metodologia na Análise de Discurso Crítica	40
3.2 À procura dos fatos	45
3.3 Categorias de análise proposta por Fairclough	46

3.3.1 Condições da prática discursiva.....	46
3.3.2 Ethos	46
3.3.3 Transitividade	47
3.3.4 Interdiscursividade	47
3.3.5 Intertextualidade.....	47
3.3.6 Citação direta	48
3.3.7 Coesão	48
3.4 Categorias analíticas propostas por Thompson	48
4 ANÁLISE DO DISCURSO REVISADO DO SENADOR MÃO SANTA.....	50
4.1 Texto antes da revisão	50
4.2 Justificativa das alterações feitas no texto	51
4.3 Aspectos do discurso de Mão Santa	54
4.3.1 Problemas do original e propostas do taquígrafo	54
4.4 Texto após revisão	55
4.5 Análise da ideologia na modalidade escrita no texto revisado	57
4.5.1 Categorias analíticas de Fairclough aplicadas ao texto revisado do Senador Mão Santa	61
4.5.2 Coesão e Coerência.....	62
4.5.3 Ethos	63
4.6 Outros aspectos lingüísticos contemplados nesse discurso.....	63
4.7 Intertextualidade - Citação direta.....	64
CONCLUSÃO	65
BIBLIOGRAFIA	69
ANEXO 1 — Texto não revisado	70
ANEXO 2 — Texto revisado.....	72

INTRODUÇÃO

Diferentes pesquisas têm em comum o fato de trabalharem com a interpretação da palavra escrita a fim de discorrer sobre a construção do discurso empreendido por determinados grupos sociais.

À medida que se atribui importância às interpretações que as pessoas fazem a respeito de um acontecimento ou assunto, isto implica um estudo mais particular, que entre em contato com especificidades, com o que é heterogêneo. Os sujeitos podem não deter a verdade objetiva de seu comportamento em que o discurso não é propriamente a explicação do comportamento. Mas, conforme está sendo visto, importam mais as interpretações que as pessoas fazem para explicar um comportamento ou posição diante de um fato.

Assim, mesmo que o discurso seja um aspecto de comportamento a ser explicado, o que certamente poderá ser feito a partir de uma construção teórica, entender a lógica de sua construção pode dizer-nos algo do que o grupo é. Especialmente porque nesses discursos encontramos representações sociais que podem mostrar-nos o modo como o grupo representa a si mesmo. Uma teoria estatística poderia indicar a presença e a circulação de representações, mas certamente pouco indicaria a respeito do que elas são para as pessoas que as empregam.

Pode-se dizer que a percepção do mundo depende em grande parte da internalização da estrutura que a pessoa experimenta e é isso que faz com que as coisas não se apresentem a ela de maneira independente; há um modo de

percepção dado pelo saber adquirido, que indica uma disposição incorporada. A verdade acaba sendo evidenciada muito mais na compreensão das coisas do que nelas próprias.

Desta forma, mesmo que os discursos não detenham a verdade objetiva do comportamento, mesmo que não se veja neles a explicação do comportamento, mas sim um comportamento a ser explicado, a análise qualitativa das narrativas dos processos permite evidenciar o modo como as pessoas percebem elas mesmas e os outros, definindo-se e posicionando-se no espaço social. Mesmo que o discurso não seja considerado explicação para o comportamento, ele permite a percepção do que está informando as ações e o posicionamento das pessoas enfocadas.

Em nossa sociedade, quase todas as variedades lingüísticas apresentam uma modalidade escrita e uma modalidade falada. Muitas vezes, pensa-se que a escrita seja uma simples transcrição da fala. Na verdade, a relação entre elas é muito mais complexa. São duas modalidades distintas. Cabe lembrar, em primeiro lugar, que a oralidade é condição necessária, porém não suficiente da fala. Quando lemos, por exemplo, um texto previamente escrito, temos manifestação oral da linguagem, mas não temos a construção de um texto falado.

As regras gramaticais de uma língua mostram como uma estrutura de significado pode ser convertida numa estrutura superficial. Entretanto, significado e adequação gramatical não são a mesma coisa: dentro do contexto apropriado, orações não gramaticais podem ter significado preciso.

Um dos propósitos de qualquer língua é comunicar, portanto a gramaticalidade fica muitas vezes em segundo plano — na verdade, a maioria do que é falado só pode ser entendido dentro de um contexto apropriado.

Escolhi o discurso do Senador Mão Santa para analisar a ideologia, com base em Fairclough e Thompson, pois ao construir o discurso o autor reconstrói o mundo de acordo com suas experiências, objetivos, propósitos, convicções, crenças, isto é, seu modo de ver o mundo. O interlocutor, por sua vez, interpreta o texto em conformidade com seus propósitos, convicções, perspectivas. Há sempre mediação entre o mundo real e o mundo construído pelo texto.

Francisco de Assis de Moraes Souza, Senador Mão Santa, nasceu em Parnaíba, Piauí, em 10 de outubro de 1942. Prefeito de sua cidade, Deputado Estadual e Federal, Governador e atualmente Senador.

A idéia central da minha pesquisa é saber quais ideologias predominam no discurso do Senador Mão Santa e quais estratégias discursivas são empregadas pelo autor.

Para a realização da análise, tomo por base para a minha pesquisa Análise de Discurso Crítica que tem como teórico principal Fairclough (2001), que me permite a análise textual.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, desenvolvo as minhas reflexões iniciais, tais como objetivos, hipóteses e da aceção de alguns termos constantemente evocados na dissertação.

No segundo capítulo, faço conhecer os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa: a Análise de Discurso Crítica proposta por Norman Fairclough (2001); e Ideologia e Cultura Moderna, de John B. Thompson (1985).

No terceiro capítulo, exponho os métodos empregados no presente trabalho, mediante a caracterização da pesquisa qualitativa. Faço assim o registro

dos procedimentos adotados que orientaram tanto a coleta como a seleção dos dados para a análise.

No quarto capítulo, discorro sobre a análise dos dados propriamente dita. Enfoco, inicialmente, o discurso não-revisado do Senador Mão Santa, as justificativas das alterações no texto e os pontos problemáticos e resoluções dos conflitos. Depois apresento o texto revisado que fará parte da minha análise.

Por fim, concluo a dissertação ao promover observações pertinentes aos resultados alcançados ao longo de minha análise, os quais podem, a meu ver, servir de contribuição para estudos futuros.

1 O COMEÇO DE TUDO

Entendo, que além do entusiasmo ante a possibilidade de se estudar algo profundamente, devo incorporar a minha monografia ao rol de predicados intelectuais, para obter contatos e credibilidade que irão ajudar-me a ascender o profissional.

1.1 Objetivo

O objetivo geral da pesquisa é responder a duas questões principais norteadoras do trabalho:

1 - O que faz com que o poder de convencimento da ideologia seja tão forte? Se ela é constituída por idéias que falseiam a realidade para que na sociedade tudo continue como está, por que as pessoas simplesmente não se revoltam contra ela?

2 - Quais estratégias discursivas são empregadas pelo autor no sentido de direcionar o entendimento da mensagem por parte do leitor?

1.2 Situação do pano de fundo da pesquisa

1.2.1 Política, um pouco de sua história e a importância desse gênero discursivo.

A política, como área do pensamento, é de remota tradição, se com o termo englobarmos os filósofos da política, os pensadores políticos, outros estudiosos da área das Ciências Sociais que iniciaram um estudo sistemático do fenômeno político, a exemplo de Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Hobbes e tantos outros. Todavia, com a específica denominação de Ciência Política, no geral, quer-se referir a uma área do conhecimento que se institucionalizou no âmbito acadêmico anglo-saxão, particularmente nos Estados Unidos, com desdobramentos nos países desenvolvidos da então Europa Ocidental, chegando, em seguida, aos países do chamado Terceiro Mundo. Já na primeira metade do século XX, com uma produção substantiva, com estudos e pesquisas úteis às assessorias governamentais, a Ciência Política aglutinava a produção em um campo específico do conhecimento, com um particular estilo de trabalho, e currículos acadêmicos próprios. A institucionalização da disciplina viria em seguida.

O estímulo ao desenvolvimento da Ciência Política dar-se-ia já à época da Primeira Guerra Mundial e, principalmente, ao final da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, os EUA assumiram a posição de nova potência hegemônica mundial e, nos organismos internacionais, no âmbito das Nações Unidas, passaram a irradiar sua influência. As missões de manutenção da paz e a preservação ou construção da

democracia, em nome da qual o país participara da guerra, eram elementos que contribuíam para aumentar a demanda de especialistas na área da Política, o que fez proliferar cursos da disciplina de Ciência Política em universidades norte-americanas. Em paralelo, fundações privadas, tais como a Fundação Ford, a Fundação Rockefeller e Kellog, impulsionaram pesquisas em áreas de especial interesse da sociedade e da economia americana, com o apoio do governo norte-americano, interessado em manter-se informado sobre o resto do mundo. A difusão ocorreria nos países do Terceiro Mundo particularmente à época do colapso das democracias representativas.

Na Europa, apenas muito mais tarde a área viria a se expandir, embora ali se encontrasse o fulcro das mais remotas tradições do pensamento político e da filosofia política. Se remontássemos a Maquiavel, Giovanni Botero, Rousseau, Montesquieu, Alexis de Tocqueville, Hegel, Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, Robert Michels, para citar alguns, entre outros, era ali que se encontrava o berço da análise do fenômeno político. Muita diversidade seria a característica da área, porque o espaço cultural/institucional da disciplina teria influência sobre os estudos desta área do conhecimento.

A profissionalização viria na medida em que o trabalho se diferenciava daquele das demais Ciências Sociais. Ocorreria relativa divisão de trabalho, com orientações intelectuais distintas, particularmente na construção do objeto e dos métodos adotados. O resultado foi que em alguns países, a profissionalização e o prestígio internacional tornaram-se uma realidade; em outros, como se via na França e na Itália, nomes importantes negaram-se a aceitar um papel profissional específico, com a tendência de produzir análises políticas sem diferenciá-las, insistindo que a reflexão política era da mesma natureza que a das outras áreas das

Ciências Sociais. Os aspectos mencionados não foram obstáculos para que os estudos da política ganhassem legitimidade.

Quase oito décadas desde sua inserção formal na academia, a Ciência Política é hoje, inegavelmente, um campo de estudo acadêmico consagrado, com um universo conceitual e discursos científicos próprios, além de amplo acervo de conhecimento. Fica claro que o estudo da Ciência Política não se enquadra em sub-área de qualquer outra disciplina porque apresenta objeto próprio. Seus principais campos de análise, como os estudos sobre o poder, as elites, Estado, nação, soberania, sociedade civil e participação, representação política, burocracias, governo, executivos, legislativos, políticas públicas, políticas sociais, a constituição da autoridade democrática, a construção institucional, cidadania, corporativismo, gênero, minorias, questão ambiental etc., são, entre outros, incluem-se na agenda de estudos da área.

1.3 Biografia do Senador Mão Santa

O Senador Mão Santa, cujo nome completo é Francisco de Assis de Moraes Souza, nasceu em Parnaíba, Piauí, em 10 de outubro de 1942. Foi Prefeito de sua cidade, Deputado Estadual e Federal, Governador e Senador da República — Senador na 52ª Legislatura e na atual, na 53ª, pelo PMDB. Teve o mandato de Governador, por decisão unânime dos sete Ministros do TSE, cassado por abuso de poder durante a campanha de 1998.

1.4 Taquigrafia

Do grego tachýs - rápido e gráphein - escrever.

Segundo o Dicionário Aurélio, "taquigrafia é a escrita abreviada e simplificada, na qual se empregam sinais que permitem escrever com a mesma rapidez com que se fala"

A taquigrafia é usada, principalmente, nos Tribunais Superiores, Congresso Nacional e Assembléias Legislativas por sua rapidez e fidedignidade ao que se fala. É também muito usada em Congressos, palestras e etc., que precisem registrar o que foi dito de maneira rápida e eficaz, podendo, assim, passar aos interessados o que foi discutido.

1.5 Conhecendo o Departamento de Taquigrafia da Câmara dos Deputados

O Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação é o órgão responsável pelo registro taquigráfico, revisão e redação final dos discursos e debates ocorridos nas sessões realizadas no plenário principal da Casa, nas Comissões Técnicas e em outros eventos relacionados com a atividade legislativa.

O próprio Deputado pode fazer a revisão de seus pronunciamentos e apartes, observadas as disposições regimentais. Comunica sua pretensão no mesmo dia ao Departamento, que fornecerá a transcrição respectiva. Caso o

discurso não seja devolvido dentro de cinco sessões, a Taquigrafia dará à publicação o texto sem revisão do orador.

Diariamente, a partir das 9h, é colocada à disposição dos interessados cópia das notas taquigráficas (sem revisão final) das sessões realizadas no dia anterior, com sumário dos discursos proferidos, ementa das proposições apresentadas e discussões e votações realizadas. Esse material pode ser acessado pela Internet no seguinte endereço: www.camara.gov.br.

Os discursos proferidos nas sessões plenárias da Casa são sumulados e indexados pela Seção de Histórico de Debates por data, orador e assunto, integrando o banco de dados denominado DISC, do PRODASEN, o qual pode ser acessado nacionalmente. O Deputado pode obter pesquisas sobre assuntos objeto de pronunciamento, com a indicação das datas em que foram feitos e publicados no Diário da Câmara dos Deputados, ementas das proposições apresentadas, súmula das questões de ordem levantadas e o histórico da sua atividade parlamentar.

1.6 Integrantes do Quadro de Taquigrafia da Câmara dos Deputados

Os integrantes do quadro de taquígrafos da Câmara dos Deputados são admitidos após rigoroso concurso em que prevalece o critério do mérito, sendo avaliados em diversos campos do conhecimento humano, principalmente quanto à capacitação técnica necessária para o desempenho de tão peculiar mas dinâmica e fascinante atividade.

Todos dominam a técnica do registro rápido, alguns possuem experiência profissional, outros estão-se iniciando nessa trilha. A taquigrafia parlamentar, mais do que em outras áreas, apresenta particularidades no desenvolvimento dos trabalhos, e é preciso conhecê-las.

O conjunto das etapas compreensivas da atividade taquigráfica na Câmara dos Deputados — registro, revisão e supervisão — é paradoxalmente contraditório. Trata-se de trabalho realizado de forma individual, independente, com o servidor ao mais das vezes ensimesmado em torno de si mesmo, mas cujo resultado final é fundamentalmente de equipe. E trabalho de equipe significa integração, solidariedade. Eis, portanto, a divisa que deve permear o trabalho do taquígrafo: a exata noção de solidariedade, aqui tomada como relação de responsabilidade em torno de interesses e objetivos comuns.

1.7 Visão Geral do órgão

1.7.1 Histórico

A implantação dos serviços taquigráficos nos Parlamentos brasileiros ocorreu em 3 de maio de 1823, data da instalação da Primeira Constituinte. José Bonifácio, Patriarca da Independência, tratou de organizar tais serviços, com o que quatro taquígrafos brasileiros exerceram a profissão, pela primeira vez, no País.

Dissolvida a Assembléia, seguiu-se-lhe, em 25 de março de 1924, a Constituição operando o desmembramento dos dois ramos do Legislativo. Desde

então, vêm os taquígrafos efetuando um trabalho que se entende como a própria crônica da História Parlamentar, pois através desses serviços se registram os debates, os discursos e todo o processo de elaboração legislativa.

Já em 1962, nesta Capital, a Câmara dos Deputados dispunha, em sua estrutura administrativa, conforme a Resolução nº 67, da Diretoria de Registro Taquigráfico de Debates e da Diretoria de Revisão e Redação para a execução dos serviços taquigráficos.

A Resolução nº 20, de 30 de novembro de 1971, deu nova configuração administrativa à Câmara, com os serviços taquigráficos sendo geridos pelo Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação, contando com duas Coordenações, a de Registro Taquigráfico de Debates e a de Revisão e Redação de Debates.

1.7.2 Funções do Departamento de Taquigrafia

As funções do DETAq — Departamento de Taquigrafia — abrangem a cobertura das sessões plenárias da Câmara dos Deputados e das sessões conjuntas do Congresso Nacional, além dos eventos na área de comissões, destacando-se as seguintes:

a) registro taquigráfico e revisão simultaneamente à realização de sessões plenárias e/ou, quando necessário, de reuniões de comissões;

b) transcrição taquigráfica de reuniões de comissões e outros eventos a elas relacionadas, com base em fitas magnetofônicas, revisão e supervisão dos textos;

c) supervisão e redação final de pronunciamentos lidos ou encaminhados à publicação;

d) sistematização dos dados referentes aos pronunciamentos para inserção em banco de dados.

Na área de Comissões, o DETAq efetua a transcrição taquigráfica de algumas reuniões de Comissões Permanentes, conforme as solicitações; de todas as reuniões das Comissões Parlamentares de Inquérito; de todos os simpósios, mesas-redondas e audiências públicas promovidas pelas Comissões Técnicas; e de outros eventos relacionados com as atividades legislativas, conforme determinação do Presidente da Casa.

Todas as "normas especiais" cujo conhecimento é indispensável para o funcionário estão elencadas no "Manual de Normas e Procedimentos para o Registro Taquigráfico".

1.7.3 Objetivos do DETAq

O DETAq presta serviços com o objetivo principal de possibilitar a divulgação dos dados estruturados em pronunciamentos, depoimentos e debates, envolvendo diversos interessados:

- a) os autores das intervenções, que podem revisar os textos;
- b) os demais parlamentares que se interessem pelo assunto;
- c) os jornalistas credenciados (Comitê de Imprensa);
- d) a Secretaria de Comunicação Social — Assessoria de Divulgação e Relações Públicas, que utiliza o material para confecção no noticiário a ser divulgado pelo programa "A Voz do Brasil " e no boletim "Hoje na Câmara";
- e) as assessorias parlamentares, envolvendo representantes de órgãos oficiais e da sociedade em geral;
- f) a Mesa Diretora, para acompanhamento das atividades parlamentares em plenário;
- g) o Centro Gráfico do Senado Federal, encarregado da publicação da íntegra das sessões no "Diário da Câmara dos Deputados".

1.8 A função — Informações básicas

1.8.1 As responsabilidades, tarefas e objetivos do cargo

Em sua carreira, o taquígrafo legislativo desenvolve atividade de registro taquigráfico de debates. No nível inicial, participa o servidor de tabelas de serviço para cobertura taquigráfica dos eventos.

Certamente há alguns problemas de adaptação. O principal deles é a natureza dinâmica dos serviços do Departamento. Não há, por exemplo, horários rígidos — sessões são prorrogadas, sessões são convocadas, sessões são encerradas antes do prazo regimental, sessões são marcadas e, às vezes, até nem se realizam; exige-se sempre rapidez, com qualidade, na execução do serviço; há grande diversidade na linguagem, no grau de cultura dos oradores e na gama de assuntos tratados, num verdadeiro calidoscópio extremamente instigante para espíritos curiosos. O funcionário terá necessária e rapidamente de adaptar-se a esse contexto, mantendo-se quase sempre disponível e ampliando o espectro dos assuntos de seu interesse cultural.

Nas sessões plenárias, cabe-lhe efetuar o registro, *in loco*, dos debates, devendo, em seguida, cuidar da sua decifração. Nessa tarefa, em caso de dúvida, poderá consultar o respectivo revisor ou, em última instância, se valer da gravação de apoio. As primeiras pesquisas para correta exteriorização do pensamento do orador são de sua responsabilidade, cabendo-lhe, igualmente, se necessário for, contactar o orador ainda em plenário para consulta sobre assuntos de difícil pesquisa. Devidamente traduzido, o texto deverá ser conferido através de uma leitura junto ao revisor, após o que fica liberado para a imprensa.

Na área das comissões, diante do grande número de solicitações, são as reuniões gravadas para posterior decifração. Assim, aos taquígrafos legislativos incumbe a transcrição taquigráfica do conteúdo das gravações, processo que se apóia na consulta aos "roteiros" e se completa com as pesquisas.

1.8.2 Importância do trabalho taquigráfico

A etapa inicial de feitura das notas taquigráficas é a base de todo esse processo que visa a registrar e divulgar atividades legislativas. O desempenho seguro e eficiente dessa tarefa concorre sobremaneira para a qualidade do texto final, possibilitando a correta divulgação das informações e dos acontecimentos aos diversos interessados, entre os quais a imprensa, as assessorias parlamentares e os próprios parlamentares.

1.8.3 Que tipos de decisões podem ser tomadas

O texto produzido deverá guardar a maior fidelidade possível ao pensamento exposto, não significando, entretanto, a reprodução *ipsis litteris* das palavras do orador, eis que evidentes impropriedades lingüísticas, tais como erros de concordância, não devem ser registradas.

Pesquisas sobre termos de difícil grafia poderão ser solicitadas à chefia ou ao núcleo de informática do Departamento, que possui uma base de dados e acesso a outros bancos para esse tipo de consultas.

2 MEUS GUIAS/ENCADEAMENTO DAS IDÉIAS

2.1 A Proposta da ADC

Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem interdisciplinária ao estudo dos textos, que considera a “linguagem como uma forma de prática social” (FAIRCLOUGH 1989, p. 20) e pretendem “desvelar os fundamentos ideológicos do discurso que se têm feito tão naturais ao longo do tempo que começamos a tratá-los como comuns, aceitáveis e traços naturais do discurso” Quem é esse? (Teo apud FAIRCLOUGH, 1989). É uma prática e um campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes num texto. É muito utilizada, por exemplo, para analisar textos da mídia e as ideologias que trazem em si. A Análise do Discurso é proposta a partir da filosofia materialista que põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual, de forma reflexiva.

Os livros de Norman Fairclough articulam um quadro tridimensional para o estudo do discurso, “onde o propósito é mapear três formas separadas de análise em uma só: análise de textos (falados ou escritos), análise da prática discursiva (processos de produção, distribuição e consumo dos textos) e análise dos eventos discursivos como instâncias da prática sociocultural” (1995, p. 2).

A Análise de Discurso Crítica fundamenta-se no acesso desigual aos recursos lingüísticos e sociais, recursos que são controlados pelas instituições. Os

padrões de acesso ao discurso e aos eventos comunicativos é um elemento essencial para a ADC. Em termos de método, a ADC pode, no geral, ser descrita como hiperlingüística ou supralingüística, no sentido de que as/os profissionais da ADC consideram o contexto discursivo de maneira não restrita ou o significado que existe além das estruturas gramaticais. Isto inclui a consideração dos contextos político e mesmo econômico do uso da língua.

Para além da teoria lingüística, esta abordagem também tem base na teoria social — e a produção intelectual de Karl Marx, Antonio Gramsci, Louis Althusser, Jürgen Habermas, Michel Foucault e Pierre Bourdieu — de modo a examinar a ideologia e as relações de poder envolvidas no discurso. Fairclough põe em destaque que “a língua conecta com o social sendo o domínio primário da ideologia e sendo tanto o interesse principal de como o lugar em que têm lugar as lutas de poder” (1989, p.15).

2.2 Posições teóricas da Análise de Discurso Crítica

Quem trabalha com ADC a considera como uma teoria e como um método ou, até mesmo, como uma perspectiva teórica que versa sobre a linguagem. Desse modo, a referência a essa análise como teoria, método ou perspectiva teórica é totalmente aceitável entre os analistas críticos do discurso.

A ADC é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente, a

desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer a fim de abordar e superar esses problemas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 185).

Para todos os que desenvolvem projetos com base na ADC, é de suma importância a aplicação dos resultados a que chegam em suas análises, seja em seminários para pessoas da mesma área ou profissionais de outras áreas que se beneficiem com os resultados, seja em textos escritos em que exponham suas constatações, posições e experiência ou como critérios para a elaboração de livros didáticos.

A ADC destaca a necessidade de um trabalho interdisciplinar, objetivando-se uma compreensão adequada do modo como a linguagem opera. Assim, poderá acompanhar a manifestação da linguagem na constituição e na transmissão de conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder. Esse tipo de análise busca uma teoria da linguagem que incorpore a dimensão do poder como condição capital da vida social. Daí, justifica-se o esforço de estudiosos da ADC para desenvolver uma teoria da linguagem que apresente essa dimensão como uma de suas premissas fundamentais. “A ADC se interessa pelos modos em que se utilizam as formas lingüísticas em diversas expressões e manipulações do poder” (WODAK, 2003, p. 31).

O marco analítico da Análise de Discurso Crítica, representado esquematicamente, envolve os seguintes passos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 184):

- a. Centralizar-se em um problema social que tenha um aspecto semiótico.
- b. Identificar os elementos que lhe põem obstáculos com o fim de abordá-los, mediante a análise: da rede das práticas em que estão localizados; da relação

de semiose que mantém com outros elementos da prática particular de que se trata; do discurso; análise estrutural – a ordem do discurso; análise interacional; análise interdiscursiva; análise lingüística e semiótica.

c. “Considerar se a ordem social (a rede de práticas) ‘reclama’ em certo sentido o problema ou não”.

d. Identificar as possíveis maneiras de superar os obstáculos.

e Refletir criticamente sobre a análise.

2.3 Conceitos básicos em Análise de Discurso Crítica

Os conceitos apontados, neste tópico, serão abordados resumidamente, devido a natureza do estudo.

2.3.1 Discurso

Discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m).

Esse termo corresponde mais ou menos às dimensões textuais que, tradicionalmente, têm sido tratadas por “conteúdos”, “significados ideacionais”, “tópico”, “assunto” etc.

Há uma boa razão para usar “discurso” em vez desses termos tradicionais: um discurso é um modo particular de construir um assunto, e o conceito difere de seus predecessores por enfatizar que esses conteúdos ou assuntos – áreas de conhecimento – somente entram nos textos na forma mediada de construções particulares dos mesmos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 64).

A relação entre discurso e estrutura social tem natureza dialética, resultando do contraponto entre a determinação do discurso e sua construção social. No primeiro caso, o discurso é reflexo de uma realidade mais profunda, no segundo, ele é representado, de forma idealizada, como fonte social. A constituição discursiva de uma sociedade decorre de uma prática social que está, seguramente, arraigada em estruturas sociais concretas (materiais), e, necessariamente, é orientada para elas, não de um jogo livre de idéias na mente dos indivíduos.

Fairclough (2001) defende o discurso como prática política e ideológica. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas em que existem tais relações. Como prática ideológica, o discurso constitui, naturaliza, mantém e também transforma os significados de mundo nas mais diversas posições das relações de poder.

2.3.2 Contexto

Contexto é a situação histórico-social de um texto, envolvendo não somente as instituições humanas, como ainda outros textos que sejam produzidos em volta e com ele se relacionem. Pode-se dizer que o contexto é a moldura de um texto. O contexto envolve elementos tanto da realidade do autor quanto do receptor — e a análise destes elementos ajuda a determinar o sentido. A interpretação de um texto deve, de imediato, saber que há um autor, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir disto, situar o discurso como compartilhando desta identidade.

Trata-se de uma noção de relevância ímpar para ADC, “já que explicitamente inclui elementos sociopsicológicos, políticos e ideológicos e, portanto, postula um procedimento interdisciplinar” (MEYER, 2003, p. 37). Os discursos são históricos e, destarte, só podem ser entendidos se em referência a seus contextos (FAIRCLOUGH, 2003).

2.3.3 Sujeito

Para Fairclough (2001), os sujeitos podem contrapor e, de forma progressiva, reestruturar a dominação e as formações mediante a prática, isto é, os sujeitos sociais são moldados pelas práticas discursivas, mas também são capazes de remodelar e reestruturar essas práticas. Na ADC, rejeita-se firmemente o 'sujeito assujeitado' da Análise do Discurso (AD).

2.3.4 Ideologia

Ideologia é um termo comumente usado no sentido de "conjunto de idéias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas".

A origem do termo ocorreu com Destutt de Tracy, que criou a palavra e lhe deu o primeiro de seus significados: ciência das idéias. Posteriormente, esta palavra ganharia um sentido pejorativo quando Napoleão chamou De Tracy e seus seguidores de "ideólogos" no sentido de "deformadores da realidade".

Karl Marx iria desenvolver uma teoria da ideologia concebendo-a como uma forma de falsa consciência cuja origem histórica ocorre com a emergência da divisão entre trabalho intelectual e manual. É a partir deste momento que surge a ideologia, derivada de agentes sociais concretos (os ideólogos ou intelectuais), que autonomizariam o mundo das idéias e assim inverteriam a realidade.

Depois de Marx, vários outros pensadores abordaram a temática da ideologia. Muitos mantiveram a concepção original de Marx, outros passaram a abordar ideologia como sendo sinônimo de "visão de mundo", inclusive alguns pensadores que se diziam marxistas, tal como Lênin. Alguns explicam isto graças ao fato do livro *A Ideologia Alemã*, de Marx, onde ele expõe sua teoria da ideologia, só tenha sido publicado em 1926, dois anos depois da morte de Lênin. Vários pensadores desenvolveram análises sobre o conceito de ideologia, tal como Karl Mannheim, Louis Althusser.

2.3.5 Ideologia e Discurso

O discurso tem uma dimensão ideológica que relaciona as marcas deixadas no texto com as suas condições de produção, e que se insere na formação ideológica. A dimensão ideológica do discurso pode tanto transformar quanto reproduzir as relações de dominação. Para Marx, essa dominação se dá pelas relações de produção que se estabelecem e as classes que estas criam numa sociedade. Por isso, a ideologia cria uma “falsa consciência” sobre a realidade que visa a reforçar e perpetuar essa dominação. Já para Gramsci, a ideologia não é enganosa ou negativa em si, constituindo qualquer ideário de um grupo de indivíduos. Mas, para Althusser, que recupera a ótica marxista, a ideologia é materializada nas práticas das instituições — e o discurso, como prática social, seria então “ideologia materializada”.

2.3.6 Crítica, Ideologia e Poder

As noções de crítica, ideologia e poder são básicas para a ADC. Entende-se a crítica, segundo Wodak, como o resultado de certa distância dos dados, considerados na perspectiva social e mediante uma atitude política e centrada na autocrítica. Já ideologia é um termo utilizado para indicar o estabelecimento e conservação de relações desiguais de poder. Ele “se refere às formas e aos processos sociais em cujo seio, e por cujo meio, circulam as formas simbólicas no mundo social” (WODAK, 2003, p 30). Por isso, a ADC indica, como um de seus objetivos, a desmitificação dos discursos por meio da decifração da ideologia.

A linguagem classifica o poder e expressa poder. Esse poder se manifesta segundo os usos que as pessoas fazem da linguagem e suas competências para tanto. Ele pode ser, em alguns casos, negociado ou mesmo disputado, pois é rara a ocasião em que um texto é obra de uma pessoa só. Ressalta Wodak:

Nos textos, as diferenças discursivas se negociam. Estão regidas por diferenças de poder que se encontram, por sua vez, parcialmente codificadas no discurso e determinadas por ele e pela variedade discursiva. Como consequência, os textos são com frequência arenas de combate que mostram as pistas dos discursos e das ideologias encontradas que contenderam e batalharam pelo predomínio (WODAK, 2003, p. 31).

É bom entendermos que o poder não se origina da linguagem. Entretanto, é possível, na linguagem, valer-se do próprio poder para desafiá-lo ou, mesmo,

subvertê-lo, alterando-lhe as distribuições em curto ou longo prazo. O poder não somente se efetiva no interior do texto, através das formas gramaticais, mas, também, no controle que uma pessoa é capaz de exercer sobre uma situação social, através do texto (WODAK, 2003).

2.3.7 Hegemonia

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade; é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um “equilíbrio instável”; é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento; é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil — educação, sindicatos, família —, com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios.

2.4 Categorias analíticas propostas por Fairclough

2.4.1 Intertextualidade e interdiscursividade

Por interdiscursividade e intertextualidade, os aspectos considerados no tópico, entende-se a propriedade que os textos têm de estar repletos de fragmentos de outros textos. Esses fragmentos podem estar delimitados explicitamente ou miscigenados com o texto que, por sua vez, pode assimilar, contradizer ou fazer ressoar, ironicamente, esses fragmentos.

De acordo com o processo considerado, a intertextualidade pode ser vista diferentemente. No processo de produção, a intertextualidade acentua a historicidade dos textos, sendo sempre acréscimo às “cadeias de comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000). No processo de distribuição, a intertextualidade é útil para a “exploração de redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um tipo de texto a outro” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). No processo de consumo, a intertextualidade é proveitosa ao destacar que não é unicamente “o texto” (ou os textos intertextualizados na constituição desse texto) que molda a interpretação, porém, também os outros textos que os intérpretes, variavelmente, trazem ao processo de interpretação.

A intertextualidade pressupõe a inclusão da história em um texto e, portanto, desse texto na história. Em outras palavras, os textos absorvem e são construídos de textos do passado, assimilando-os, respondendo-lhes, reacentuando-

os e retrabalhando-os. Assim, cada texto ajuda a fazer história, contribuindo para que ocorram processos de mudança mais amplos, já que também antecipa e molda textos subseqüentes.

Observar se há relação entre intertextualidade e hegemonia é importante e produtivo como pista para a interpretação, para explicar as mudanças. O conceito de intertextualidade liga-se à produtividade dos textos, pois aponta para como os textos transformam textos anteriores e reestruturam as convenções existentes a fim de originar novos textos.

A intertextualidade divide-se em intertextualidade manifesta, quando o texto recorre explicitamente a outros textos específicos (o texto constitui-se heterogeneamente através de outros textos), e intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade, constituição heterogênea através de elementos das ordens do discurso.

No campo da intertextualidade, estão implicados alguns fenômenos, tais como: pressuposição, negação, metadiscurso e ironia.

As proposições, quer sejam baseadas em textos anteriores do produtor, quer sejam de outros textos, tanto podem ser manipulativas (o produtor do texto pode estabelecer uma proposição desonestamente, com intenção manipulativa) quanto sinceras (o produtor do texto pode apresentar uma proposição como dada por outro). As proposições funcionam como formas efetivas de manipular as pessoas por serem, geralmente, difíceis de desafiar.

As frases negativas, via de regra, são utilizadas com objetivos polêmicos, pois veiculam ou carregam tipos especiais de pressuposições, que funcionam

intertextualmente, pois incorporam outros textos apenas com o objetivo de contradizê-los ou rejeitá-los.

2.4.2 Citação direta

Quando abre espaço no texto e cita as palavras e as idéias de outro.

Exemplo: “Lembro aqui a sua citação:...”

2.4.3 Pressuposição

São proposições que são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou dadas, e há várias pistas formais na organização de superfície do texto para mostrar isso. Por exemplo: a proposição em uma oração introduzida pela conjunção “que” pressupostamente segue verbos como “esquecer”, “lamentar” e “perceber”: “Eu esqueci que sua mãe tinha casado novamente.” E os artigos definidos indicam proposições que têm significados “existenciais”: “a ameaça soviética” pressupõe que há uma ameaça soviética; “a chuva”, que está/estava chovendo.

2.4.4 Ethos

Tem por objetivo reunir as diversas características que vão em direção à construção do eu ou de identidades sociais, na amostra. O ethos envolve não apenas o discurso, mas todo o contexto social.

2.5 Categorias analíticas propostas por Thompson

Segundo Thompson (1995), a ideologia opera em uma variedade de contextos da vida cotidiana. Contudo, Thompson (p.35) acredita que a interpretação da ideologia deve ser ancorada em uma análise sócio-histórica, na análise formal discursiva com ênfase crítica, como também em uma análise semiótica, para desmascarar o sentido que está a serviço do poder, em um modelo que denomina de Hermenêutica de Profundidade, o qual constitui um arcabouço completo de análise.

Em linha próxima a de Fairclough, Thompson distingue cinco modos pelos quais a ideologia pode operar na modalidade lingüística. Estudar a ideologia é, então, estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Dessa forma, a ideologia atua, basicamente, de acordo com cinco *modus operandi*. Discurso, agora, resumidamente sobre a proposta de Thompson:

1 - **legitimação** - apresenta as relações de dominação como legítimas, justas e dignas de apoio:

a) **racionalização** - o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações sociais e com isso convencer uma audiência de que é digno de apoio;

b) **universalização** - acordos institucionais que servem para o interesse de alguns são apresentados como servindo a interesse de todos;

c) **narrativização** - histórias que contam passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna aceitável;

2 - **dissimulação** - nega, obscurece e oculta relações de poder, representando-as de uma maneira que desvia a atenção e que passa por cima de relações e processos existentes:

a) **deslocamento** - determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para outro objeto ou pessoa;

b) **eufemização** - ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva;

c) **tropo** - metáfora, metonímia (uso figurativo que dissimula relações sociais).

3 - **unificação** - estabelece por meio da construção, no nível simbólico, uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los:

a) **estandardização ou padronização** - formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica;

b) **simbolização da unidade** (envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo.

4 - **fragmentação** - segmenta aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso, ameaçador:

a) **diferenciação** - ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando características que os desunem e os impedem de construir um desafio efetivo às relações existentes;

b) **expurgo do outro** - envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo que é retratado como mau, perigoso ou ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente.

5 - **reificação** - apresenta uma situação transitória, histórica, como sendo permanente, natural, atemporal:

a) **naturalização** - um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como resultado inevitável de características naturais;

b) **eternalização** - fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes;

c) **nominalização/passivização** - apagam os atores e a ação; tendem a representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorre na ausência de um sujeito que produza essas coisas.

3 EXPLICAÇÃO PRECISA DA METODOLOGIA

Neste capítulo discorro sobre a metodologia que orienta minha pesquisa, as diretrizes gerais dos principais elementos e das considerações que se aplicam à Análise Crítica do Discurso em consonância com Fairclough, “Discurso e Mudança Social”, e Thompson, “Ideologia e Cultura Moderna”.

3.1 Metodologia na Análise de Discurso Crítica

Os que fundamentam suas pesquisas na Análise de Discurso Crítica orientam para que os métodos utilizados sirvam para vincular a teoria com a observação. Seus métodos indicam as vias seguidas ou que serão seguidas pela investigação. Pelo fato de os investigadores seguirem vários enfoques, a metodologia adotada, como não poderia deixar de ser, seguirá, também, vários caminhos, de acordo com os enfoques ressaltados. Nas palavras de Meyer:

Por regra geral, se aceita que a ADC não deve entender-se como um método único, porém como um enfoque, isto é, como algo que adquire consistência em vários planos, e que, em cada um de seus planos, exige realizar um certo número de seleções. (MEYER, 2003, p. 35)

Segundo Meyer, é necessário que a ADC mantenha, continuamente, uma retroalimentação entre a análise e a recolhida de dados. Por isso, a seleção de dados não se encerra quando do início da análise, ao contrário, o analista, diante de um fato novo, buscará, em sua fonte de dados, exemplos que possam confirmar o que foi encontrado. O que poderia gerar uma análise infinita é controlado pelo

recorte estabelecido para a pesquisa. Assim, a coleta de dados passa a ser uma fase, ou melhor, um processo permanentemente operativo.

Muito se tem execrado os procedimentos quantitativos em análise de cunho social e ideológico. Todavia, essa metodologia não é relegada na ADC. Por ser ela uma disciplina cravada de teorias em seus diversos enfoques, vários procedimentos metodológicos são aceitáveis, até mesmo os criticados métodos quantitativos, desde que sejam relevantes para a análise crítica do texto.

Devido à variedade de enfoques, em ADC, não existe forma alguma de obtenção de dados que lhe seja específica. Mesmo assim, poderíamos, resumidamente, apresentar os seguintes passos metodológicos:

- a) primeiras seleções de dados;
- b) primeiras análises;
- c) identificação dos indicadores para conceitos concretos;
- d) elevação dos conceitos a categorias;
- e) reunião de novos dados com base nos primeiros resultados (amostra teórica).

Concluimos as considerações sobre o posicionamento metodológico com as palavras de Meyer:

Deve-se assinalar que, apesar de não existir uma metodologia coerente da ACD, muitas características são comuns à maioria dos enfoques da ADC: em primeiro lugar, se concentram nos problemas e não em elementos lingüísticos específicos. Não obstante, é obrigatório possuir uma capacidade lingüística para selecionar os aspectos que se tornam relevantes para os objetivos específicos da investigação.

Em segundo lugar, “tanto a teoria como a metodologia são ecléticas: ambas vão unidas desde que seja útil para a compreensão dos problemas sociais que se submetem à investigação.” (MEYER, 2003, p. 56)

Segundo Fairclough, há três itens principais que dariam conta de um trabalho com base na ADC: os dados, a análise e os resultados.

a. Os dados

Podem ser abordados com base nos tópicos: definição de um projeto, o *corpus*, ampliação do *corpus* e codificação e seleção de amostras no *corpus*.

1) definição do projeto – O autor propõe que o discurso deve ser analisado segundo uma perspectiva interdisciplinar (Linguística, Psicologia, Psicologia Social, a Sociologia, a História e a Ciência Política), pois a concepção de discurso envolve os seguintes fatores: as propriedades dos textos, produção, distribuição e consumo; os processos sociocognitivos de produção e interpretação dos textos; o relacionamento da prática social com as relações de poder; os projetos hegemônicos no nível social.

2) *corpus* – A seleção dos dados, a construção do *corpus* e a coleta de dados suplementares dependerão da perspectiva adotada pelo pesquisador, contudo há certos parâmetros gerais que deverão ser seguidos. O pesquisador pode se guiar apenas por uma decisão sensível em relação ao *corpus* ou pode ter “um modelo mental da ordem do discurso da instituição, ou o domínio do que se está pesquisando, e os processos de mudança que estão em andamento, como uma preliminar para decidir-se onde coletar amostras para um *corpus*” (FAIRCLOUGH,

2001, p. 277). O *corpus* sempre deve ser considerado como aberto à ampliação, mesmo depois que se inicie a análise.

3) ampliação do *corpus* – A ampliação do *corpus* pode ocorrer através de julgamento de outras pessoas que estão em algum tipo de relação significativa com a prática social que se analisa, considerando-se os aspectos da amostra, ou através de entrevistas, a fim de que as pessoas envolvidas com as amostras do *corpus* possam emitir suas interpretações sobre o problema social em análise.

4) codificação e seleção de amostras no *corpus* – O pesquisador pode codificar o *corpus* inteiro ou parte dele. Em outras palavras, pode resumir o discurso ou codificá-lo em tópicos ou, mesmo, pode decompô-lo em classes particulares de traços.

b. A análise

Segundo Fairclough (2001), em termos de análise, fica difícil definir o que fazer primeiro, se a análise textual, se a discursiva, se a social; pois essas três dimensões vão sempre estar superpostas na prática. Destarte, o autor sugere que adotar uma seqüência é sempre útil para coordenar o resultado. Corroborando essa mesma posição de Fairclough:

Não há um consenso sobre onde iniciar a análise de um texto, se ao nível dos componentes lingüísticos, isto é, o texto em si, e das práticas discursivas envolvidas, ou se ao nível das práticas socioculturais associadas ao uso do texto, sendo possível iniciar com qualquer um desses níveis (MEURER, 2000, p.161).

c. Resultados

Os resultados de uma pesquisa em ADC nem sempre podem ser controlados pelo analista, pois, dificilmente, ele poderá ter um controle de como eles

serão utilizados depois que caírem no domínio público. Fairclough afirma que “há um processo difundido de tecnologização do discurso, que usa a pesquisa sobre o discurso para redesenhar as práticas discursivas e treinar as pessoas para usar novas práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 291).

O autor levanta a problemática de os resultados serem apropriados por quem trabalha com a “tecnologização do discurso”, já que essa é uma prática que estabelece uma ligação íntima entre o conhecimento sobre a linguagem, o discurso e o poder. A conclusão a que chega Fairclough é que, mesmo considerando essa apropriação indevida, o analista não pode deixar de produzir conhecimentos.

Dessa forma, assumo nesse momento que a natureza dos dados da minha pesquisa, os textos multimodais, foi determinante para a adoção dos procedimentos de análise dentro da prática da pesquisa qualitativa, isto é, pesquisa não baseada em números. Digo isso por acreditar que a pesquisa social apóia-se, primordialmente, em dados sociais, resultantes de processos de comunicação que constituem o mundo em si mesmo.

3.2 À procura dos fatos

Para a análise dos vários semióticos envolvidos na produção do texto multimodal — discurso do Senador Mão Santa escolhido para ser analisado —, selecionei algumas categorias de análise propostas por dois teóricos, que são, respectivamente:

- 1) John Thompson (1995) para a análise das estratégias de operação da ideologia;
- 2) Norman Fairclough (2001) para a análise das práticas discursivas, textuais e da prática social.

Pretendo abranger vários aspectos relativos à na composição se sentidos nesse texto do Senador Mão Santa, para assim compreender a formação da identidade do brasileiro em materiais didáticos de português como segunda língua.

3.3 Categorias de análise proposta por Fairclough

De acordo com Fairclough há três dimensões de análise que vão estar superpostas na prática.

Dentre as várias categorias propostas por Fairclough para a análise do discurso, selecionei as seguintes:

3.3.1 Condições da prática discursiva

O objetivo é especificar as práticas sociais de produção e consumo do texto associadas com o tipo de discurso que a amostra representa (o qual pode ser relacionado ao gênero de discurso). Para isso é necessária a seguinte pergunta:

O texto é produzido (consumido) individual ou coletivamente?

3.3.2 Ethos

O objetivo é reunir as diversas características que vão em direção à construção do eu, ou de identidades sociais, na amostra. O ethos envolve não apenas o discurso, mas todo o contexto social.

3.3.3 Transitividade

Que escolha de vozes são feitas no discurso (ativa ou passiva)?

3.3.4 Interdiscursividade

Interdiscursividade tem por objetivo especificar os tipos de discursos que estão delineados na amostra discursiva sob análise e como isso é feito. A principal forma de justificar uma interpretação é por meio da análise do texto, mostrando que nossa interpretação é compatível com as características do texto, e mais compatível do que outras.

“É a amostra discursiva relativamente convencional nas suas propriedades interdiscursivas ou relativamente inovadora?” (Fairclough, 2001: 283).

3.3.5 Intertextualidade

Especificar o que outros textos estão delineando na constituição do texto da amostra, e como isso acontece.

3.3.6 Citação direta

Quando abre espaço no texto e cita as palavras e as idéias de outro.

Exemplo: “Lembro aqui a sua citação:...”

3.3.7 Coesão

Mostrar de que forma as orações e os períodos estão interligados no texto.

3.4 Categorias analíticas propostas por Thompson

Em linha próxima a de Fairclough, Thompson distingue cinco modos pelos quais a ideologia pode operar na modalidade lingüística. Estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Dessa forma, a ideologia atua de acordo com cinco *modus operandi*.

Desses cinco modos de operação da ideologia, selecionei os seguintes:

Legitimação - por meio da: racionalização e da narrativização.

Dissimulação - por meio do deslocamento.

Unificação - por meio da simbolização da unidade.

Fragmentação - por meio da diferenciação e por meio do expurgo do outro.

Reificação - por meio da naturalização.

4 ANÁLISE DO DISCURSO REVISADO DO SENADOR MÃO SANTA

Nesta seção, apresento o texto não revisado para que se tenha uma idéia mais clara sobre as modificações feitas no texto.

4.1 Texto antes da revisão

O SR. MÃO SANTA (PMDB - PI) - Ilustrado Senador Ramez Tebet que preside esta sessão de 20 de fevereiro segunda-feira do Senado da República, Senadores e Senadoras aqui presentes, brasileiras e brasileiros no plenário e que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado. Senador Ramez Tebet, ouça a voz rouca das ruas. Muitas foram as mensagens de Ulysses Guimarães, mas essa ele que está encantado no fundo do mar nos toca. Porque quem esta na rua é o povo. Senador Mestrinho, nesse fim de semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo. A decepção de um povo contra os chamados poderes, principalmente esse em que Camata adentra: o Poder Legislativo. Atentai bem, Mestrinho, essa renegociação das dívidas do homem do campo do homem que produz do homem que com suas mãos santas mexe as terras e as transforma em alimentos. Camata, a ignorância é audaciosa. O nosso Presidente da República do PT Partido dos Trabalhadores. "Comerás o pão com o suor do teu rosto". Não conheço quem trabalha mais do que o homem do campo. Não sou sou urbano. Minha família era empresária. Fui ser médico. Mas Deus traz para cá os preparados. No começo dessa legislatura eu dizia e profetizava. Nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum. É Senador Camata. Nenhum eu dizia. E veja que tombaram pela incompetência, pela ignorância, que é audaciosa. Olha, não precisa saber muito não. A gente tem que ver. Oh, Tuma, não sei como V. Exa. foi um extraordinário delegado. Não sei se foi vendo o Hopalong Cassidy, o Tom Mix, Rock Lane. Esses xerifes. Que V. Exa. foi ou não foi? Na transição V.Exa. simbolizou a segurança a ordem. Muito dessa moral que tem a Polícia Federal, eu, como médico, digo que o DNA pertence ao delegado Tuma. Você é para nós o que Eliot Ness foi para os Estados Unidos, aquele que prendeu Al Capone, em Chicago. Mas, então, aprendi a operar olhando os outros, Camata. Vendo, vendo, quando dei fé estava operando. Essa frase "A ignorância é audaciosa" é do meu professor de cirurgia, do professor Marino de Andrade. Quando viu um cirurgião apressado, pensando que...: "Isso não é corrida de cavalo, não, oh, menino, que se mede em tempo. A ignorância é audaciosa." Tem que ver o que tem: os nervos, o que é visível, as complicações que podem advir. Então, a gente aprende vendo. O Lulinha devia ver aí. Tem tanto cinema aí, já que não gosta de ler, de estudar, se aborrece, se zanga. Ele devia... Oh, Camata, então vinham os melhores. Ninguém poderia dizer que... se, não sabe, que se enforque. Existiu Franklin

Delano Roosevelt. Quatro vezes Presidente da República. Pegou os Estados Unidos pós-guerra, a recessão. Ainda para recuperar muitos territórios bombardeados do mundo e da Europa. Aquele homem assumiu. Com os seus princípios, quer queiramos ou não, é o país mais rico, de melhor tecnologia, de maior renda per capita. Como ele fez isso, Camata? Ele disse que nas suas meditações... Ó, Álvaro Dias, as cidades podem ser bombardeadas e destruídas. Ele viu a guerra. Elas ressurgirão do campo. Mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, as cidades morrerão de fome. Lula, isso é para proteger o campo. E disse mais. "Se cada fazenda tiver um bico de luz", Franklin Delano Roosevelt, "e uma galinha na panela, este país estará salvo." E quem salva Lulinha, paz, amor e ignorância grandes? Quem salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos. É a área daqui. Era o que tinha a dizer.

4.2 Justificativa das alterações feitas no texto

O registro taquigráfico é feito simultaneamente à realização de sessões plenárias e/ou quando necessário, de reuniões de comissões.

As “normas especiais” estão elencadas no “Manual de Normas e Procedimentos para o Registro Taquigráfico”, da Câmara dos Deputados, ou seja, há um respaldo para que essas alterações sejam feitas.

Portanto, vamos a elas:

O Lulinha devia ver aí. Tem tanto cinema aí, já que não gosta de ler, de estudar, que se aborrece, se zanga,. Ele devia.. Oh, Camata, então vinham os melhores. Ninguém poderia dizer que se não sabe, que se enforque.

O verbo: devia - optamos por deveria.

a) Trocamos para manter o paralelismo, já que ele usou dois tempos verbais: imperfeito e futuro do pretérito.

b) O futuro do pretérito indica suposição: se ele fizesse isso, ninguém poderia dizer aquilo.

Existiu Franklin D. Roosevelt... Como ele fez isso, Camata?

a) *Franklin D. Roosevelt foi 4 vezes presidente dos Estados Unidos*: retiramos o verbo para dar ênfase ao sujeito, ao que ele fez. O orador quer enfatizar a ação do sujeito para trazer argumentos à idéia que ele defende.

b) Franklin D. Roosevelt foi 4 vezes presidente da república: Franklin D. Roosevelt foi 4 vezes presidente *dos Estados Unidos*: acrescentamos Estados Unidos para o pensamento ficar mais completo. Presidente da República fica vago. O complemento Estados Unidos também dá maior clareza à frase, já que ele vai se referir aos Estados Unidos em outras ocasiões.

c) Pegou os Estados Unidos - *Assumiu os Estados Unidos*: Segundo o Dicionário Aurélio, assumir significa tomar sobre si; entrar no exercício de cargo ou ônus. A escolha por assumir ajusta o verbo à situação que o orador descreve.

d) "...pós-guerra, a recessão" - "... pós-guerra, durante a recessão" - mais uma vez trata-se de tornar o texto mais claro. Roosevelt não assumiu a recessão e sim o país, que passava por um período de recessão.

"Ele disse que nas suas..., as cidades morrerão de fome".: Ele via as cidades bombardeadas e destruídas. Ele via a guerra. O orador mistura "disse" com "viu". A informação não ficou transparente. Também não completou a frase: "ele disse que nas suas meditações...". Na realidade quem disse que as cidades ressurgirão do campo não foi o orador, e sim Roosevelt. Nesse caso, houve uma categoria de análise proposta por Fairclough, a intertextualidade constitutiva, já que há uma constituição heterogênea por meio de elementos das ordens do discurso, por meio da proposição, já que se apropriou das palavras de Roosevelt.

Lula, isso é para proteger o campo. ... É a área daqui. :

a) "Lula, isso é motivo para..."

As referências a Roosevelt servem para fundamentar o motivo pelo qual se deve proteger o campo.

b) "E quem salva, ...?" "E o que salva o campo ... ?.

Ele não diz o que salvar, entretanto mais adiante ele se refere ao campo, afirmando que foi a agricultura que salvou os Estados Unidos.

c) "Quem salvou os Estados Unidos... ": O que salvou os Estados Unidos...". ':

Ao nos referirmos a coisas, utilizamos "o que" e não "quem".

Quem salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos. É a área daqui. :

O que salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos, que é a vocação do Brasil. "

O dicionário Aurélio registra como uma das acepções do vocábulo "vocação": tendência artística ou profissional. Além disso, o *Google* nos informa que o Brasil é conhecido no mundo como país de vocação agrícola, inclusive com entrevista dada pelo Presidente da República para a revista *Globo Rural*.

4.3 Aspectos do discurso de Mão Santa

4.3.1 Problemas do original e propostas do taquígrafo

a) "O nosso Presidente da República, do PT, Partido dos Trabalhadores..."

Como tivemos acesso ao vídeo, deixamos as reticências porque entendemos como um viés político. Ele menciona o presidente, o seu partido, mas não completa o pensamento.

b) "Oh, Tuma, não sei como V.Exa. foi um extraordinário delegado":
Senador Tuma, V.Exa. foi um excelente delegado.

A construção da frase está incorreta, pois a intenção dele é elogiar e parece que está duvidando da capacidade do Senador Tuma. Só pudemos saber disso mais adiante no texto, quando o orador diz que o Senador Tuma simbolizou a ordem e a segurança durante a transição de regimes.

c) "Muito da moral que tem a Polícia Federal, eu, como médico, digo que o DNA pertence ao Delegado Tuma."

Muito da dignidade da Polícia Federal, eu, sendo médico, digo que o DNA pertence a V.Exa.

Mantivemos a referência ao DNA por ser algo peculiar ao orador e no espírito de não mudar muito o que foi dito. Trocamos *moral* por *dignidade* por este último vocábulo ter sentido mais completo. Segundo o Aurélio, dignidade se refere a: moral elevada, honestidade, honra, respeitabilidade, autoridade.

“como médico” por “sendo médico” — justifica-se a mudança pela sonoridade desagradável e por se tratar de um cacófono.

d) "Oh, Camata, então vinham os melhores".

Mantivemos o que ele disse, pois não pudemos afirmar com segurança a que ele se referia.

4.4 Texto após revisão

Agora, apresento o texto após a revisão para que seja possível entender quais as modificações e o porquê dessas modificações. Para isso aplicarei as categorias analíticas selecionadas.

O SR. MÃO SANTA (PMDB-PI) - Ilustrado Senador Ramez Tebet, que preside esta sessão de 20 de fevereiro, segunda-feira, do Senado da República, Senadoras e Senadores, brasileiras e brasileiros no plenário e que nos acompanham pelo sistema de comunicação do Senado, ouçam a voz rouca das ruas. Muitas foram as mensagens de Ulysses Guimarães, que está encantado no fundo do mar, mas essa nos toca especialmente, porque quem está na rua é o povo.

Senador Gilberto Mestrinho, nesse fim-de-semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo com os chamados Poderes, principalmente este, Senador Camata: o Poder Legislativo. Atente bem, Mestrinho, para essa renegociação das dívidas do homem do campo, do homem que produz, do homem que com suas mãos santas mexe a terra e a transforma em alimentos.

Senador Camata, a ignorância é audaciosa. O nosso Presidente da República, do PT, Partido dos Trabalhadores... "Comerás o pão com o suor do teu rosto", diz a Bíblia. Não conheço quem trabalhe mais do que o homem do campo. Sou urbano. Minha família era empresária e me tornei médico. Deus traz para cá os preparados.

No começo desta Legislatura eu profetizava: nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum. É, Senador Camata, nenhum. Veja que tombaram pela incompetência, pela ignorância, que é audaciosa. Olhe, não precisa saber muito, a gente tem que ver.

Senador Romeu Tuma, V.Exa. foi um extraordinário delegado. Será que aprendeu assistindo a filmes com os xerifes Hopalong Cassidy,

Tom Mix, Rock Lane? V.Exa. foi extraordinário! Na transição, V.Exa. simbolizou a segurança, a ordem. Muito da dignidade da Polícia Federal advém de V.Exa., delegado Tuma. Sendo médico, digo que o DNA pertence a V.Exa. V.Exa. é para nós o que Eliot Ness, aquele que prendeu Al Capone, em Chicago, foi para os Estados Unidos.

Então, aprendi a operar observando os outros, Senador Camata. De tanto observar, quando dei fé, estava operando. A frase "A ignorância é audaciosa" é do meu professor de cirurgia, Marino de Andrade. Quando via um cirurgião apressado, dizia: Isso não é corrida de cavalo, não, oh, menino, em que se mede o tempo. A ignorância é audaciosa. É preciso ver o que tem: os nervos, o que é visível, as complicações que podem advir. Então, aprende-se vendo.

O Lulinha deveria ir mais ao cinema, já que não gosta de ler, de estudar, que se aborrece, se zanga. Ele deveria, Senador Camata. Então, viriam os melhores. Ninguém poderia dizer que se não sabe, que se enforque.

Franklin Delano Roosevelt foi quatro vezes Presidente dos Estados Unidos. Assumiu o país no pós-guerra, durante a recessão, ainda com a missão de recuperar muitos territórios bombardeados no mundo. Roosevelt com os seus princípios, quer queiramos ou não, construiu o país mais rico do mundo, de melhor tecnologia, de maior renda per capita. Como ele fez isso, Senador Camata? Nas suas meditações, Senador Álvaro Dias, via as cidades bombardeadas e destruídas. Ele viu a guerra. As cidades ressurgirão do campo, mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, elas morrerão de fome. Lula, isso é motivo para proteger o campo. Roosevelt disse mais: Se cada fazenda tiver um bico de luz e uma galinha na panela, este país estará salvo. E quem salva o campo, Lulinha, paz, amor e ignorância grandes? O que salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos, que é a vocação do Brasil.

Era o que tinha a dizer.

4.5 Análise da ideologia na modalidade escrita no texto revisado

Eis alguns modos de operação propostos por Thompson no texto revisado do Senador Mão Santa.

Muitas foram as mensagens de Ulysses Guimarães, que está encantado no fundo do mar, mas essa nos toca especialmente, porque quem está na rua é o povo.

Nesse trecho, a **legitimação** é expressa por meio da **racionalização**, segundo a qual o autor propicia a construção de uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações, com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio. Ele aproxima o seu discurso do discurso popular por meio do uso da figura de Ulysses, ícone da política e que ficou popular depois de sua morte trágica, com isso procura mexer com o psicológico de seu ouvinte, que é o povo.

Senador Gilberto Mestrinho, nesse fim de semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo com os chamados Poderes, principalmente este, Senador Camata: o Poder Legislativo. Atente bem, Mestrinho, para essa renegociação das dívidas do homem do campo, do homem que produz, do homem que com suas mãos santas mexe a terra e a transforma em alimentos.

Nesse trecho, a **fragmentação** é marcada pelo **expurgo do outro**, pois envolve a construção de um inimigo, que é retratado como mau, perigoso, ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo. O inimigo construído é o Poder Legislativo, que está contrário ao povo, seu aliado.

Não conheço quem trabalhe mais do que o homem do campo.

Nesse trecho, a **unificação** é expressa por meio da **simbolização da unidade**, segundo a qual envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas por meio de um grupo ou

de uma pluralidade de grupos. Ou seja, o homem do campo representa trabalho, pois ninguém trabalha mais do que ele.

Sou urbano. Minha família era empresária e me tornei médico.

Para justificar sua posição social de médico, ele abre uma argumentação sobre sua origem urbana, o que torna legítimo o fato de não ser rural, o que é revelado por meio da **dissimulação**, expressa por meio do **deslocamento**, pois usou um termo costumeiro para se referir a outras pessoas, no caso, à família.

Deus traz para cá os preparados.

Nesse trecho, a **legitimação** é expressa por meio da **racionalização**, segundo a qual o autor propicia a construção de uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações, com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio. Ao afirmar isso, o Senador revela sua intenção em justificar mais uma vez seu preparo para ser representante legítimo do povo.

No começo desta Legislatura eu profetizava: nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum.

Ao utilizar a palavra profetizar, o Senador aproxima o seu discurso do religioso, o que também o torna legítimo e digno de apoio, nesse trecho, a **legitimação** é expressa por meio da **narrativização**, pois trata o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável; e há também a **diferenciação** por meio do **expurgo do outro**, pois ele constrói um inimigo, a Oposição, quando diz “nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum”

É, Senador Camata, nenhum. Veja que tomaram pela incompetência, pela ignorância, que é audaciosa. Olhe, não precisa saber muito, a gente tem que ver.

Nesse trecho, a **fragmentação** é expressa por meio do **expurgo do outro**, pois envolve a construção de um inimigo, que é retratado como incompetente e contra o qual os indivíduos devem resistir ou expurgar.

Senador Romeu Tuma, V.Exa. foi um extraordinário delegado. Será que aprendeu assistindo a filmes com os xerifes Hopalong Cassidy, Tom Mix, Rock Lane? V.Exa. foi extraordinário! Na transição, V.Exa. simbolizou a segurança, a ordem. Muito da dignidade da Polícia Federal advém de V.Exa., delegado Tuma. Sendo médico, digo que o DNA pertence a V.Exa. V.Exa. é para nós o que Eliot Ness, aquele que prendeu Al Capone, em Chicago, foi para os Estados Unidos.

Nesse trecho, a **legitimação** é expressa por meio da **narrativização**, pois cita personagens heróicos de filmes do passado, que no presente têm uma tradição eterna e aceitável.

Então, aprendi a operar observando os outros, Senador Camata. De tanto observar, quando dei fé, estava operando. A frase "A ignorância é audaciosa" é do meu professor de cirurgia, Marino de Andrade. Quando via um cirurgião apressado, dizia: Isso não é corrida de cavalo, não, oh, menino, em que se mede o tempo. A ignorância é audaciosa. É preciso ver o que tem: os nervos, o que é visível, as complicações que podem advir. Então, aprende-se vendo.

Nesse trecho, a **reificação** é expressa por meio da **naturalização**, no qual pode ser retratado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais, especialmente quando ele diz que aprendeu a ser médico observando os outros.

O Lulinha deveria ir mais ao cinema, já que não gosta de ler, de estudar, que se aborrece, se zanga. Ele deveria, Senador Camata. Então, viriam os melhores. Ninguém poderia dizer que se não sabe, que se enforque.

Sabemos, historicamente, que Lula não fez cursos que pudessem dar-lhe mais embasamento político, que, ainda está despreparado. Por isso, nesse trecho, houve a **fragmentação** é expressa por meio da **diferenciação**, pois é dado ênfase às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impede de construir um desafio efetivo às relações existentes ou um participante efetivo no poder.

Franklin Delano Roosevelt foi quatro vezes Presidente dos Estados Unidos. Assumiu o país no pós-guerra, durante a recessão, ainda com a missão de recuperar muitos territórios bombardeados no mundo. Roosevelt com os seus princípios, quer queiramos ou não, construiu o país mais rico do mundo, de melhor tecnologia, de maior renda per capita. Como ele fez isso, Senador Camata? Nas suas meditações, Senador Álvaro Dias, via as cidades bombardeadas e destruídas. Ele viu a guerra. As cidades ressurgirão do campo, mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, elas morrerão de fome. Lula, isso é motivo para proteger o campo. Roosevelt disse mais: Se cada fazenda tiver um bico de luz e uma galinha na panela, este país estará salvo. E quem salva o campo, Lulinha, paz, amor e ignorância grandes? O que salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos, que é a vocação do Brasil.

Nesse trecho, a **legitimação** é expressa por meio da **narrativização**, pois é uma história que conta o passado e trata o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.

4.5.1 Categorias analíticas de Fairclough aplicadas ao texto revisado do Senador Mão Santa

Procurei fazer a revisão do texto baseada nos princípios de coesão e coerência. Ao construir um texto, o produtor reconstrói o mundo de acordo com suas experiências, seus objetivos, propósitos, convicções, crenças, isto é, seu modo de ver o mundo. O interlocutor, por sua vez, interpreta o texto de conformidade com seus propósitos, convicções, perspectivas. Há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo construído pelo texto.

Como temos acesso ao vídeo desse pronunciamento, na oralidade, percebemos a pausa, a melodia, a entonação, o que só é perceptível na linguagem escrita através dos sinais de pontuação.

As categorias provêm da proposta de Fairclough (2001) de direcionar o trabalho dos analistas do discurso de especificação das práticas sociais de produção e de consumo do texto associadas ao gênero do discurso que a amostra representa, o que implica interpretação da ação estratégica em textos.

O emprego dessas categorias auxilia no entendimento de como os elementos se relacionam uns com ou outros, assim como quais conhecimentos culturais são exigidos.

Na modalidade verbal, para compreender as condições da prática discursiva, fiz a seguinte pergunta: o texto é produzido individual ou coletivamente? O texto é produzido individualmente e encontra-se na Internet, foi divulgado *on-line*. O público-alvo é a população brasileira. O produtor do texto é o Senador Mão Santa.

No conteúdo da mensagem há transitividade, houve a escolha da voz passiva, pois serve para apagar a identidade do sujeito que realiza a ação, provavelmente isso foi intencional, considerando o campo da política. Podemos constatar isso nos seguintes trechos:

... ouçam a voz rouca das ruas.(L.)

... vi a decepção de um povo com os chamados Poderes...(L.)

Então, viriam os melhores.(L.)

Nas suas meditações, Senador Álvaro Dias, via as cidades bombardeadas e destruídas.(L.)

4.5.2 Coesão e Coerência

Consistência e relevância: esse aspecto, também estudado por Koch, mostra como o autor apresenta fatos históricos para embasar o que diz, inclusive com citações, e mostra causa e consequência: a exemplo dos Estados Unidos, se o campo for protegido, o país (Brasil) será salvo. Entretanto, foi a correção do texto não revisado que tornou esse aspecto mais claro, pois de início as frases estavam soltas e o texto truncado, e essa revisão foi feita com respaldo institucional da Câmara dos Deputados.

4.5.3 Ethos

Segundo o autor, a construção do *ethos* do brasileiro, sua identidade social, está baseada na interpretação do brasileiro como alguém que não gosta de ler, de estudar.

4.6 Outros aspectos lingüísticos contemplados nesse discurso

O primeiro diz respeito às condições da prática discursiva, essas são reveladas por meio das escolhas do autor. O discurso pode ser consumido individual ou coletivamente, já que ele foi divulgado, ao vivo, na TV Senado e na Rádio Senado. Há, claramente, apenas um autor, pois o discurso foi feito de improviso, o que pode ser notado pelo emprego da primeira pessoa, como nos trechos: “ ... nesse fim de semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo.” (L.) “Não sou urbano” (L.) “Fui ser médico.” (L.)

O significado das palavras é uma categoria que abrange o significado cultural geral ou mais local. Além de revelar aspectos ideológicos, as palavras cujos significados são variáveis e mutáveis revelam um modo de hegemonia. No caso do emprego do adjetivo “Senador Romeu Tuma, V.Exa. foi um *extraordinário delegado*.” (l.) O autor utiliza o significado potencial dessa palavra como forma de moldar a identidade social daquele brasileiro, na época, como um ser singular.

4.7 Intertextualidade - Citação direta

O autor abre espaço no texto e cita palavras e idéias de outro. Essa apropriação pode se explícita ou miscigenada.

Exemplos:

a) “Comerás o pão com o suor do teu rosto” (L.). Essa é uma citação direta da Bíblia. Portanto é uma apropriação explícita.

b) “A ignorância é audaciosa.” (L.) O autor diz claramente que essa é uma frase de seu Professor de Cirurgia, Dr. Marino de Andrade, também é uma citação direta.

c) “As cidades ressurgirão do campo, mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, elas morrerão de fome”. Esse comentário foi feito por Roosevelt, portanto, o Senador Mão Santa usou uma proposição manipulativa, pois estabelece uma máxima, quando não diz que essa frase é de Roosevelt.

CONCLUSÃO

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Ele reflete os interesses e a ideologia das frações de classe que compõem o bloco no poder no Brasil atual, deve buscar a manutenção da legitimidade de seu governo frente a sociedade brasileira como um todo.

Uma estratégia claramente utilizada para manutenção dessa legitimidade — estreitamente ligada a sua postura personalista — é a utilização da imagem ideologizada de homem cosmopolita e influente, com grande prestígio com os mais variados líderes internacionais. Esta serve para dar legitimidade ao seu discurso, colocando-o enquanto anunciador desse futuro, em contraposição ao “caipira” nacional, que representa o retrógrado que deve ser superado.

Nesse discurso, o Senador Mão Santa busca legitimar-se por elementos mais palpáveis à classe trabalhadora. Por isso, utiliza-se também de um discurso social, no qual defende a melhoria das condições de vida do trabalhador rural.

A pesquisa proposta constituiu-se em um estudo teórico da ideologia, ou seja, detectar pontos onde transparecem as posturas ideológicas.

Para essa análise recorri a Fairclough e a Thompson, respectivamente, *Análise de Discurso Crítica e Ideologia e Cultura Moderna*.

Expus os métodos empregados, por meio da pesquisa qualitativa e registrei os procedimentos adotados para fazer a minha análise, ou seja, os procedimentos metodológicos da pesquisa e as categorias de análise empregadas.

A primeira fase teve por objetivo construir e delimitar o campo conceitual pelo qual se fará a abordagem do objeto de pesquisa. Essa fase é composta pela leitura e fichamento da bibliografia proposta, e posteriores incorporações que se façam necessárias e coleta de dados estatísticos que subsidiarão a argumentação e a análise dos mesmos.

A segunda fase, ocupou-se da busca, leitura, seleção e análise do discurso político, objetivando a constituição de um *corpus* de análise que servirá de base para a pesquisa.

A terceira fase foi dedicada à síntese, orientada pelo campo teórico delimitado pela primeira fase da pesquisa.

Finalmente na quarta fase da pesquisa se deu a elaboração das conclusões obtidas à partir da análise realizadas nas fases anteriores.

O discurso do Senador Mão Santa, mostra como, em toda sociedade dividida em classes, aquela classe que domina as demais faz tudo para não perder essa condição. Com essa afirmação alcanço o objetivo geral da minha pesquisa. É aí que entra a ideologia: ela constituirá um corpo de idéias produzidas pela classe dominante que será disseminado por toda a população, de modo a convencer a todos de que aquela estrutura social é a melhor ou mesmo a única possível. Com o tempo, essas idéias se tornam as idéias de todos; em outras palavras, as idéias da classe dominante tornam-se as idéias dominantes na sociedade.

Essa classe que se encontra no poder vai fazer uso de todos os mecanismos possíveis e imagináveis para distribuir suas idéias para todas as pessoas, fazendo com que acreditem apenas nelas. Numa sociedade de dominação, essa é a função dos meios de comunicação, das escolas, das igrejas, do Congresso Nacional — Câmara dos Deputados e Senado Federal — e das mais diversas instituições sociais. Onde houver pessoas reunidas, ou mesmo sozinhas, haverá uma forma de ideologia em ação. E isso é feito pelo Senador Mão Santa em seu discurso, que foi construído de forma ideológica para convencer o ouvinte de que ele é o melhor que Deus mandou para o Senado Federal.

Quando uma ideologia funciona de fato, ela se distribui por toda a sociedade, de forma a fazer com que cada indivíduo, em cada ato, reproduza aquelas idéias. O triunfo de uma ideologia acontece quando todo um grupo social está definitivamente convencido de sua verdade. Se todos estão convencidos, ninguém questiona, e a sociedade pode manter-se sempre da mesma maneira. De certo modo, o sucesso da ideologia está relacionado com o processo da alienação.

É claro que todo indivíduo deseja ter sucesso na vida. Mas também é evidente que, numa sociedade de dominação e desigualdades, o sucesso não é possível para todos. Para que alguns possam ser muito bem sucedidos, é necessário que muitos outros permaneçam na miséria. Se for alardeado pelos meios de comunicação que o sucesso não é possível para todos, certamente teremos uma boa dose de inconformismo social que pode levar até mesmo a violentas revoltas. A ideologia trata então de disseminar a idéia de que vivemos numa sociedade de oportunidades e de que o sucesso é possível, bastando que, para atingi-lo, cada indivíduo se esforce ao máximo. Em contrapartida, vemos milhões de pessoas vivendo na miséria.

O discurso ideológico é aquele que consegue tocar nas vontades e ambições mais íntimas de cada indivíduo, dando-lhe a ilusão de sua realização, no caso, o trabalhador rural, pois o Senador toca nas necessidades básicas dos trabalhadores rurais.

BIBLIOGRAFIA

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MEYER, Michel. Entre la teoría, el método y la política: la ubicación de los enfoques con el ACD. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona, 2003.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

VIEIRA, Josênia Antunes e Silva, Denize Elena Garcia (organizadoras). *Práticas de Análise do discurso*. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras. UNB. 2003.

WODAK, Ruth. De que trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: MEYER, Michel(orgs.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.

ANEXO 1 — Texto não revisado

O SR. MÃO SANTA (PMDB - PI) - Ilustrado Senador Ramez Tebet que preside esta sessão de 20 de fevereiro segunda-feira do Senado da República, Senadores e Senadoras aqui presentes, brasileiras e brasileiros no plenário e que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado. Senador Ramez Tebet, ouça a voz rouca das ruas. Muitas foram as mensagens de Ulysses Guimarães, mas essa ele que está encantado no fundo do mar nos toca. Porque quem está na rua é o povo. Senador Mestrinho, nesse fim de semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo. A decepção de um povo contra os chamados poderes, principalmente esse em que Camata adentra: o Poder Legislativo. Atentai bem, Mestrinho, essa renegociação das dívidas do homem do campo do homem que produz do homem que com suas mãos santas mexe as terras e as transforma em alimentos. Camata, a ignorância é audaciosa. O nosso Presidente da República do PT Partido dos Trabalhadores. "Comerás o pão com o suor do teu rosto". Não conheço quem trabalha mais do que o homem do campo. Não sou, sou urbano. Minha família era empresária. Fui ser médico. Mas Deus traz para cá os preparados. No começo dessa legislatura eu dizia e profetizava. Nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum. É Senador Camata. Nenhum eu dizia. E veja que tombaram pela incompetência, pela ignorância, que é audaciosa. Olha, não precisa saber muito não. A gente tem que ver. Oh, Tuma, não sei como V. Exa. foi um extraordinário delegado. Não sei se foi vendo o Hopalong Cassidy, o Tom Mix, Rock Lane. Esses xerifes. Que V. Exa. foi ou não foi? Na transição V.Exa. simbolizou a segurança a ordem. Muito dessa moral que tem a Polícia Federal, eu, como médico, digo que o

DNA pertence ao delegado Tuma. Você é para nós o que Eliot Ness foi para os Estados Unidos, aquele que prendeu Al Capone, em Chicago. Mas, então, aprendi a operar olhando os outros, Camata. Vendo, vendo, quando dei fé estava operando. Essa frase "A ignorância é audaciosa" é do meu professor de cirurgia, do professor Marino de Andrade. Quando viu um cirurgião apressado, pensando que...: "Isso não é corrida de cavalo, não, oh menino, que se mede em tempo. A ignorância é audaciosa." Tem que ver o que tem: os nervos, o que é visível, as complicações que podem advir. Então, a gente aprende vendo. O Lulinha devia ver aí. Tem tanto cinema aí, já que não gosta de ler, de estudar, se aborrece, se zanga. Ele devia... Oh, Camata, então vinham os melhores. Ninguém poderia dizer que... se, não sabe, que se enforque. Existiu Franklin Delano Roosevelt. Quatro vezes Presidente da República. Pegou os Estados Unidos pós-guerra, a recessão. Ainda para recuperar muitos territórios bombardeados do mundo e da Europa. Aquele homem assumiu. Com os seus princípios, quer queiramos ou não, é o país mais rico, de melhor tecnologia, de maior renda per capita. Como ele fez isso, Camata? Ele disse que nas suas meditações... Ó, Álvaro Dias, as cidades podem ser bombardeadas e destruídas. Ele viu a guerra. Elas ressurgirão do campo. Mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, as cidades morrerão de fome. Lula, isso é para proteger o campo. E disse mais. "Se cada fazenda tiver um bico de luz", Franklin Delano Roosevelt, "e uma galinha na panela, este país estará salvo." E quem salva Lulinha, paz, amor e ignorância grandes? Quem salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos. É a área daqui. Era o que tinha a dizer.

ANEXO 2 — Texto revisado

O SR. MÃO SANTA (PMDB-PI) - Ilustrado Senador Ramez Tebet, que preside esta sessão de 20 de fevereiro, segunda-feira, do Senado da República, Senadoras e Senadores, brasileiras e brasileiros no plenário e que nos acompanham pelo sistema de comunicação do Senado, ouçam a voz rouca das ruas. Muitas foram as mensagens de Ulysses Guimarães, que está encantado no fundo do mar, mas essa nos toca especialmente, porque quem está na rua é o povo.

Senador Gilberto Mestrinho, nesse fim de semana estive no meu Piauí e vi a decepção de um povo com os chamados Poderes, principalmente este, Senador Camata: o Poder Legislativo. Atente bem, Mestrinho, para essa renegociação das dívidas do homem do campo, do homem que produz, do homem que com suas mãos santas mexe a terra e a transforma em alimentos.

Senador Camata, a ignorância é audaciosa. O nosso Presidente da República, do PT, Partido dos Trabalhadores... "Comerás o pão com o suor do teu rosto", diz a Bíblia. Não conheço quem trabalhe mais do que o homem do campo. Sou urbano. Minha família era empresária e me tornei médico. Deus traz para cá os preparados.

No começo desta Legislatura eu profetizava: nenhum do núcleo duro vai adentrar aqui, nenhum. É, Senador Camata, nenhum. Veja que tombaram pela incompetência, pela ignorância, que é audaciosa. Olhe, não precisa saber muito, a gente tem que ver.

Senador Romeu Tuma, V.Exa. foi um extraordinário delegado. Será que aprendeu assistindo a filmes com os xerifes Hopalong Cassidy, Tom Mix, Rock Lane? V.Exa. foi extraordinário! Na transição, V.Exa. simbolizou a segurança, a ordem. Muito da dignidade da Polícia Federal advém de V.Exa., delegado Tuma. Sendo médico, digo que o DNA pertence a V.Exa. V.Exa. é para nós o que Eliot Ness, aquele que prendeu Al Capone, em Chicago, foi para os Estados Unidos.

Então, aprendi a operar observando os outros, Senador Camata. De tanto observar, quando dei fé, estava operando. A frase "A ignorância é audaciosa" é do meu professor de cirurgia, Marino de Andrade. Quando via um cirurgião apressado, dizia: Isso não é corrida de cavalo, não, oh, menino, em que se mede o tempo. A ignorância é audaciosa. É preciso ver o que tem: os nervos, o que é visível, as complicações que podem advir. Então, aprende-se vendo.

O Lulinha deveria ir mais ao cinema, já que não gosta de ler, de estudar, que se aborrece, se zanga. Ele deveria, Senador Camata. Então, viriam os melhores. Ninguém poderia dizer que se não sabe, que se enforque.

Franklin Delano Roosevelt foi quatro vezes Presidente dos Estados Unidos. Assumiu o país no pós-guerra, durante a recessão, ainda com a missão de recuperar muitos territórios bombardeados no mundo. Roosevelt com os seus princípios, quer queiramos ou não, construiu o país mais rico do mundo, de melhor tecnologia, de maior renda per capita. Como ele fez isso, Senador Camata? Nas suas meditações, Senador Álvaro Dias, via as cidades bombardeadas e destruídas. Ele viu a guerra. As cidades ressurgirão do campo, mas se o campo for abalado, destruído, sacrificado, elas morrerão de fome. Lula, isso é motivo para proteger o campo. Roosevelt disse mais: Se cada fazenda tiver um bico de luz e uma galinha

na panela, este país estará salvo. E quem salva o campo, Lulinha, paz, amor e ignorância grandes? O que salvou os Estados Unidos foi o campo, a produção de grãos, que é a vocação do Brasil.